

Prospecção no Sul de Angola: o caso dos recintos murados da Huíla

André Serdoura* e Jorge Guimarães*

p. 83-89

A região da Huíla foi já identificada, no século passado, como possuidora de um rico passado Histórico e Arqueológico. Na província foram realizados estudos arqueológicos que visaram apurar as origens dos povos locais e dos vestígios deixados pelos mesmos. Numa recente prospecção foi-nos possível visitar um caso extraordinário desses vestígios, o Recinto-Monumento do Eleu, no Jau.

A prospecção: um projeto para relançar a arqueologia na Huíla e Angola

Esta primeira abordagem ao campo deu-se na primeira quinzena de Setembro, 2015. Do projeto faziam parte duas abordagens similares, mas em áreas distintas. A primeira focou-se na Província do Kunene, que foi alvo de uma prospecção arqueológica não -sistemática (devido a uma pesada logística e agenda apertada). Alvo deste estudo foram os vestígios de várias épocas e contextos. Tratou-se de uma espécie de amostragem, uma avaliação sumária do potencial arqueológico, que já sabíamos ser grande.



Figura 001 – Províncias da Huíla e Kunene.
Fonte: Google Earth.

Já a segunda abordagem foi integrada numa formação técnico-teórica de Arqueologia de Campo e da Paisagem. Esta ação de formação decorreu no Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla (ISCED) e contou com a presença de formadores e alunos de variadas áreas (para além da História e Arqueologia). Esta formação contou então com três dias, sendo o último dia prático, tendo-se efectuado uma saída ao campo para visitar alguns monumentos em pedra da região. Por motivos logísticos só nos foi possível visitar um desses grandes monumentos, na Comuna do Jau: o recinto do Eleu.

Aquando da chegada ao morro onde se encontra a estrutura, foi feita uma rápida avaliação arqueológica demonstrativa para os participantes da formação, ao que se seguiu a prospecção propriamente dita. Antes de pas-

sarmos aos resultados desta visita sumária, apresentamos brevemente aquilo que se sabe para já destes recintos murados.

* CEAUP.

Das medidas podemos dizer que os diâmetros (medidos do interior) rondam os 30 metros nos mais pequenos e os 650 metros no caso de recintos como o designado por Huíla I. A maior parte possui uma espessura considerável, sendo o valor mais reduzido de 1,5 m, como é o exemplo do recinto do *Munhere*. Noutros casos encontramos espessuras até aos 3,70 m (na base), como ocorre em *Ococa-punda*.⁴

Além dos espessos muros concêntricos são-nos dadas descrições variadas de outros vestígios que existem no interior das fortificações. Por exemplo, nos mais bem estudados foram detectados fundos de cabana, ou seja, pisos associados a ocupação habitacional. No caso do recinto da Huíla I são-nos referenciados *moinhos* manuais, «normalmente *abertos na rocha*» e eventuais abrigos na rocha.⁵ Segundo croquis fornecidos na obra de Adriano Vasco Rodrigues, o recinto do Jau possuiria, além dos ditos fundos de cabana, uma fonte que estaria abrangida pela cerca e aquilo a que o mesmo autor chama de *covas de lobo*, fossas no topo de uma secção de cerca nas quais *«se escondiam alguns homens armados de arco e flecha, que disparavam, levantando-se de surpresa, quando os inimigos pretendiam entrar por aquela muralha, aparentemente derrubada»*.⁶ Não são os únicos elementos que reportam a uma tentativa de controlo e defesa. De facto foi possível atestar a existência de aberturas no pano de muralha, aos quais Vasco Rodrigues chama de *vigias* ou *postigos*⁷ e Vitor Oliveira Jorge chama de *seteiras*. Noutros casos são referidas espécie de *ameias* ou *merlões*.⁸



Figura 003 – Mancha estilizada de dispersão de monumentos amuralhados. Espraia-se desde o Kunene até um pouco a Norte da Quibala.
Fonte: Rodrigues, 1960, anexos.

Origens Especuladas

As dúvidas que mais recorrentemente nos surgem são obviamente sobre a cronologia e objetivo das estruturas. São sugeridas algumas hipóteses, porém com poucos fundamentos históricos. O primeiro problema que se nos afigura é que a maior parte do que se sabe provém de memória oral, que nem sempre bate certo de história para história. O restante é recolhido de descrições vagas de Europeus que testemunharam estas estruturas em época de uso. Seja como for, além de serem poucas as descrições, a documentação que possa aparecer irá ser sempre de um ponto de vista europeu, podendo conter informação incorreta ou muito incompleta.

Para Vitor Oliveira Jorge os recintos espelham quase uma espécie de *Proto-História* na Huíla⁹. Embora este Arqueólogo afirme que *«O hábito dos povos africanos se refugiarem,*

4 Idem, pp. 11-13.

5 Idem, p. 17.

6 Rodrigues, 1960, p. 171.

7 Idem, p.171.

8 Jorge, 1978, pp. 18-21.

9 Jorge, 1978, p. 8.

perante um ataque, no alto de inacessíveis «pedras», é bastante remoto [...]»¹⁰, igualmente conclui que este hábito se alongou até épocas recentes. Temos que ter em atenção que «a pré-história e a proto-história das populações africanas negras veio em muitos casos quase até aos nossos dias».¹¹ A mesma prática nos surge em descrições de combates entre Britânicos e Pedis, na década de 70 do século XIX.¹²

Assumindo então que estas estruturas refletem épocas de conflito, podemos especular que talvez possam estar ligadas às invasões dos *Jagas*, que entraram em choque com os povos locais (Nhanecas e Hereros)¹³. Isto colocaria os recintos com uma cronologia que remonta até possivelmente ao século XVI. Porém, desde esta altura que se registam épocas conflituosas, não só entre povos africanos, como entre Europeus e Africanos, após a chegada dos Portugueses. Uma hipótese a admitir pode ser a de os recintos surgirem como influência europeia. É uma sugestão avançada pela maioria dos autores que refere estas estruturas. Vasco Rodrigues esclarece «Segundo opiniões locais, as fortificações que estamos referindo datam de época recente, sendo algumas levantadas durante a Guerra dos Bailundos Candimbas contra os Quibalas, por alturas dos finais da Primeira Guerra Mundial. [...] Outros, porém, datariam dos séculos XVII e XVIII, motivadas pelas invasões dos Jagas e pela penetração Portuguesa, intensificada no século XVII com a criação de fortalezas e presídios na bacia dos rios Cuanza e Lucala [...] Em toda essa região [Huíla] foram levantadas fortalezas e presídios pelos Portugueses nos séculos XVII, XVIII e XIX, o que provoca uma certa confusão quanto ao problema das possíveis influências europeias na multiplicação do sistema defensivo banto».¹⁴ Para isto, este autor fornece mesmo referência a um documento de João A. Cavazzi que refere que «os Africanos de Angola, em pleno séc. XVII, estavam construindo fortalezas semelhantes às dos Portugueses».¹⁵

Não deixa de ser curioso que em meados de 1840, na descrição de uma viagem à Huíla, o Soba da mesma terra tenha comunicado a um oficial Português que tinha alguns problemas com o Sobado vizinho, e que o Soba do Jau enviava guerrilhas para assolar a sua terra e estes «roubavam quanto gado podião, matando sem reserva de sexo, e idade toda a gente que encontravam [...] Este Sova [da Huíla] me fez sentir o desejo vehemente de que se achava possuído em de novo de avassalar á coroa Portuguesa, cedendo a mesma huma extensão de terreno [...] com a condição de que os Portuguezes ali levantem fortificações para os defender de seus inimigos».¹⁶ Assumimos que pelo menos as gentes da Huíla, em 1840 não teriam fortificações nas quais procurarem refúgio. Seria por não existirem naquela zona, ou por já serem antigas e estarem em mau estado? Esta ausência de elementos defensivos nas descrições do século XIX não pode comprovar a ausência das mesmas estruturas, mas deve ser um dado a ter em conta.

Abordagem arqueológica

Devemos então considerar uma abordagem de cariz científico a aplicar aos denominados *recintos*.

A primeira resultou da referida prospeção sumária do morro onde assenta a muralha e sítio do Eleu.

¹⁰ Jorge, 1976, p. 123.

¹¹ Idem, 1976, p. 125.

¹² Castle, 2003, p. 50.

¹³ Jorge, 1978, pp. 8-9.

¹⁴ Rodrigues, 1960, p. 174.

¹⁵ Idem, p. 172.

¹⁶ Felner, 1940, p. 64.

O primeiro passo, e mais importante neste fase, é reavaliar o estado de conservação dos monumentos, retomar uma campanha lógica de prospeção, de modo a detectar novos elementos associados aos recintos ou novos recintos em si. Tal como Vítor Oliveira sugere, podem existir bastantes mais monumentos deste género. A prospeção irá igualmente permitir descrever o terreno de forma mais precisa e ajudar a um mapeamento arqueológico renovado. Foi este o objetivo da nossa visita, que resultou numa avaliação do estado da muralha, que segundo nos contam, por vezes sofre saque de pedras para reaproveitamento local. Igualmente, percorremos secções da encosta, que provou possuir bastante material lítico espalhado pela superfície. Uma prospeção sistemática, com registo de dispersão de material, pode resultar em grandes quantidades de informação pertinente (Figura 005, imagem 2: lítico (núcleo) no morro do Jau).

Não se pode igualmente descurar a análise documental de gabinete, recorrendo ao maior número possível de referências, criando uma base teórica que ajude a compreender os povos que habitaram a região ao longo do tempo Histórico, e possivelmente saber se as mesmas estruturas já existiam na altura em que surgem os primeiros escritos sobre a zona.



Figura 004 – Primeira avaliação – troço do pano de muralha do Jau. É possível ver que existem alguns problemas de conservação da estrutura. Não é de estranhar o saque de pedras para reutilização. Igualmente a vegetação em torno e no centro do monumento tornou-se bastante densa. Foto: André Serdoura.



Figura 005 – Dois exemplares de artefactos líticos encontrados à superfície. Neste caso um possível machado e um núcleo, o que pode evidenciar a presença de zonas de talhe (oficinas). Foto: André Serdoura.

Um excelente exercício para complementar a prospeção é o de recorrer à fotografia satélite para localizar e registar novos locais (inserido no estudo de Arqueologia da paisagem). Numa fase experimental, foi-nos possível detectar 4 estruturas amurallhadas na Huíla e identificar as mesmas. Através da abordagem paisagística, foi possível perceber que, por exemplo, o recinto do Eleu se encontra no topo de um esporão, e que a cerca de 1 km deste, para Este, existe outro, igualmente com marcas no cume, de possíveis estruturas que dominam completamente o caminho que passa entre as duas elevações. Faria todo o sentido que estes fossem aqui colocados como forma de controlo de paisagem e de travessias de uma terra para a outra. Deste mesmo local é possível avistar outras elevações que se pensam possuírem igualmente recintos.



Figura 006 – Morro onde se encontra pelo menos o recinto do Jau (confirmado, à esquerda); o morro ao lado apresenta possibilidades de conter outro monumento semelhante. Fonte: Google Earth.

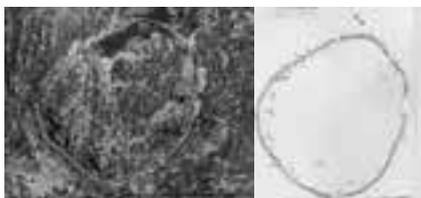


Figura 007 – Recinto Huila I. Note-se que parece haver um erro de registo entre a imagem satélite e o esboço que é apresentado no trabalho de Vitor Oliveira Jorge, o Norte está invertido, porém o recinto parece ser o mesmo. A mancha mais clara no canto superior direito está descrita no esboço como afloramento rochoso onde existem vestígios de moinhos. Imagem satélite: Google Earth; Esboço: Jorge, 1978, anexos.



Figura 008 – Vigia na muralha (Eleu). A escala tem 80 cm. Foto: André Serdoura.



Figura 009 – Troço de muralha. Veja-se o esteio fncado, permitindo o sustento dos blocos mais pequenos. Foto André Serdoura.

Ainda no tema visual, deve-se fazer um apontamento sobre as ditas *vigias* ou *seteiras*. De facto, parece mais apropriado o termo *vigia* pela seguinte razão: não existe, a nosso ver, espaço visual nem físico para manusear eficazmente um arco de flecha. De facto, os rasgos na muralha são bastante estreitos e profundos (cerca de 30 cm de largo por 150 de profundidade).

Seria mais provável que pudessem ser utilizados para controlo de paisagem, ou mesmo para o disparo de armas de fogo. Para o disparo com arco seria muito mais fácil do topo de um parapeito (cimo da muralha, como sugerido por Vasco Rodrigues). Podemos fazer a sugestão de um exercício de arqueologia experimental de forma a entendermos os usos mais prováveis destes elementos arqui-tetónicos, nunca esquecendo que não passam de suposições.

Em termos de implantação de campo, urge neste contexto perceber como ocorria a ocupação no interior e a relação do monumento/povoação com o exterior. Para o mesmo importa implantar sondagens no interior (depois de devidamente prospectado) e esca-

var junto das muralhas para perceber as suas fundações e tentar extrair algum material que possa criar uma baliza cronológica.

Adverte-se, tal como faz Vítor Oliveira Jorge, que estes recintos não se agrupam todos na mesma tipologia, sendo o *Eleu* considerado como um recinto de grandes dimensões, em comparação com recintos como o de Ococapunda (no Jau, igualmente) e que alguns podem ser relativamente recentes, assim como outros podem pertencer a um passado mais remoto que inspirou futuras construções. Sem um devido estudo histórico e arqueológico nada ainda se pode afirmar.

Referências bibliográficas

- Almeida, António de; França (1960), Camarate, *Recintos Muralhados de Angola*, Memória – Junta de Investigação do Ultramar, 2.ª Série, n.º 16.
- Bicho, Nuno Ferreira (2008), *Manual de Arqueologia Pré-Histórica*, Ed. 70, Lisboa.
- Castle, Ian (2003), *British Infantryman in South Africa – 1877-81*, Osprey Publishing, Oxford.
- Felner, Alfredo de Albuquerque (1940), *Angola: Apontamentos sobre a colonização dos Planaltos e Litoral do Sul de Angola*, Vol. II e III, Agência Geral das Colónias, Lisboa.
- Jorge, Vítor Oliveira (1978), *Alguns elementos para o Estudo dos Recintos Muralhados do Planalto da Humpata (região da Huíla, Sudoeste de Angola)*, Revista Guimarães, Barcelos.
- _____ (1976), *Breve introdução à Arqueologia de Angola*, Revista Guimarães, Barcelos, 1976; M'Bokolo, Elikia (2003), *África Negra: História e Civilizações*, tomo I e II, Vulgata ed. Lisboa.
- Renfrew, Colin; Bahn, Paul (2004), *Archaeology – Theories, Methods and Practice*, Thames & Hudson.
- Rodrigues, Adriano Vasco (1960), *Construções Bantas de Pedra, em Angola*, Boletim do Instituto de Investigação Científica de Angola, Luanda.